

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasília Class.: 750
 Data: 09.09.83 Pg.: _____

Juruna se queixa da Funai e de Delfim

O ministro Delfim Netto somente deixará o Governo no final do mandato do presidente João Figueiredo. A revelação é do deputado Mário Juruna e foi feita ontem após ser recebido pelo Presidente, ocasião em que pediu o afastamento do ministro do Planejamento e do presidente da Funai.

O deputado Mário Juruna não gostou das informações que lhe foram dadas pelo Presidente da República e, aos jornalistas disse que pediu «o afastamento do Delfim, o pai do branco, o pai do planejamento e ele tem segurança com o Presidente que, quando terminar o mandato ele sai junto, não sai pobre, carregado com muitos dólares para casa».

Já na portaria do Palácio do Planalto, o deputado Mário Juruna deu a primeira bronca quando quiseram colocar um dístico em sua lapela: «estrangeiro entra e sai e não precisa disso. Agora deputado índio sim». Outra reclamação do deputado foi quando anunciaram que seus dois assessores, José Maria (Xavante) e Olair (carajás) não poderiam subir ao gabinete presidencial. «Precisamos acabar com isso. Eles são meus assessores e vão subir». Depois de uma consulta ao gabinete foi dada a autorização, mas eles teriam que permanecer no «mezanino».

Assim que o deputado foi levado ao presidente Figueiredo ele anunciou a presença de seus dois assessores e o Presidente pediu ao ajudante-de-ordens que os trouxessem ao gabinete para cumprimentá-los, retirando-se logo em seguida.

Depois da audiência, o deputado Mário Juruna disse haver deixado um documento com o Presidente e conversado sobre problemas da Funai e pedido o afastamento do ministro Delfim Netto. O documento, segundo ele será encaminhado a um ministro — não lembrou o nome. «A minha impressão, eu não sei se ele vai mudar, se ele vai fazer», disse o deputado.

Sobre o afastamento do ministro do Planejamento, disse o deputado Mário Juruna:

«Eu pedi o afastamento do Delfim, porque ninguém está aceitando mais o ministro Delfim, que está trazendo mais dólares do estrangeiro. O Brasil fica trazendo mais dólares e matando o povo brasileiro. O Presidente falou para mim que não é só a primeira vez que se está pedindo o afastamento do Delfim. Outros deputados já pediram o afastamento do Delfim mas não é só ele que deixou a dívida. São quatro ministros do tempo do Médici, do tempo do Geisel, do tempo do Costa e Silva e do Castello Branco. Eles deixaram a dívida e não é culpa do Delfim. Foram quatro ministros que deixaram dívida para o Delfim. Por isso ele não pode tirar o Delfim, enquanto tiver no Palácio. O Delfim vai sair junto com ele. Ele me disse isso».

O deputado Mário Juruna não perguntou ao presidente João Figueiredo quem será o candidato à sua sucessão. Mas, aos jornalistas, fez a sua avaliação pessoal:

ANDREAZZA: é bom para acabar com a terra do índio. Ele não é bom para defender a terra do índio. Quem acabou com a terra do índio, cortou a terra do índio como ministro dos Transportes e assumiu o Ministério do Interior e continua acabando com a terra do índio.

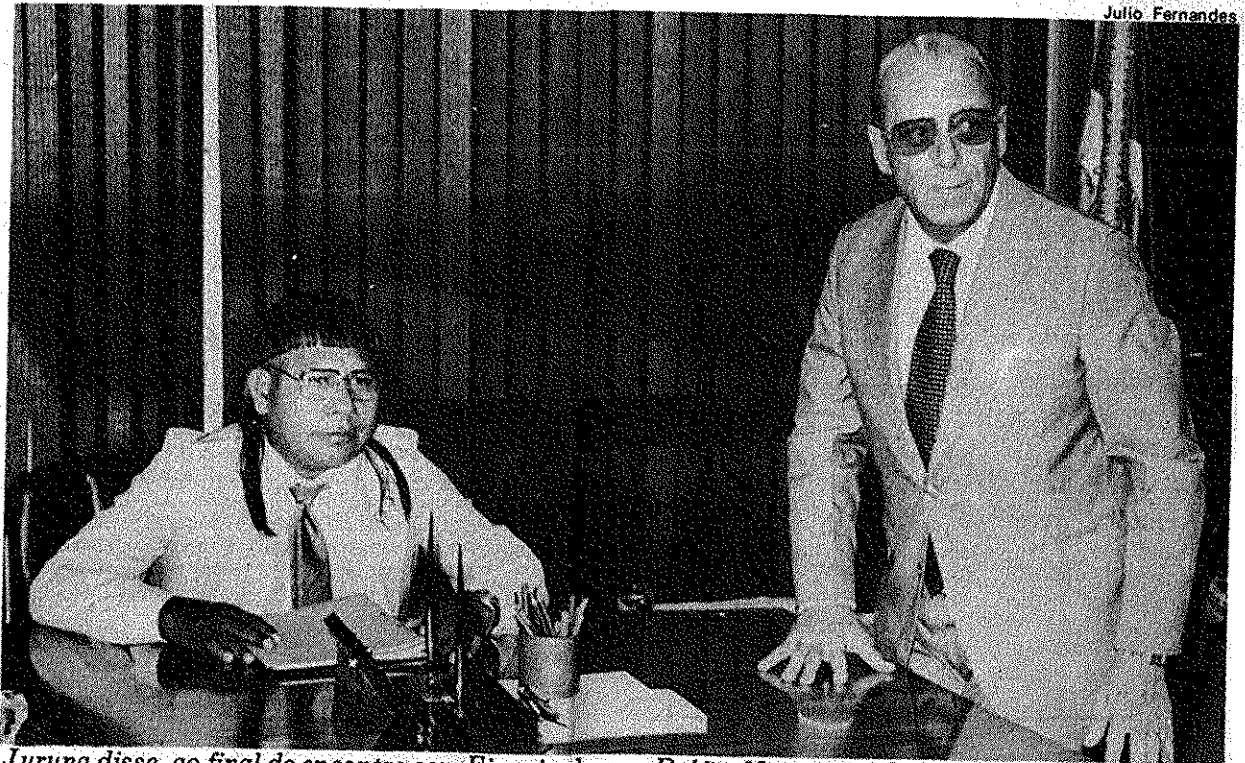
AURELIANO: O vice-presidente também não posso confirmar se ele é bom ou ruim porque até hoje não sei ainda se ele é candidato. Eu não posso cair com besteira na conversa do branco. Tem que procurar gente que não é comprometida. Eu espero que o povo brasileiro deve indicar o homem sem compromisso.

MALUF: O paulista não fala muito bem do companheiro Paulo Maluf, aonde ele já foi governador, no Estado de São Paulo. Quantas vezes ele já desprezou o pessoal das favelas, mandou a polícia contra o povo e contra a gente pequena. Isso não vai adiantar nada. A gente tem que mudar. A gente não pode aceitar o mesmo saco de farinha. Já chega.

BRIZOLA: Também eu não posso confirmar. Eu sou homem independente. Não tenho compromissos com ninguém. Eu sou Juruna, o homem do povo. Eu sou índio. Eu tenho partido mas, quem me deve, o partido me deve.

O deputado Mário Juruna desmentiu notícia publicada na coluna do Zózimo, do Jornal do Brasil, sobre sua saída do PDT. «Isso não é verdade. É conversa de jornal. Esse companheiro, a mulher dele, o diretor do balet, sempre procurou sujar o meu nome, sempre procura inventar para se promover o nome dele. Ele tem que dizer contra corrupto, contra barreira, contra a fome e contra a miséria e não inventar estória sobre Juruna».

Ao final da entrevista aos jornalistas, o deputado Mário Juruna reclamou que o tempo que lhe reservou o Presidente foi muito curto (vinte minutos): «O encontro foi bom, mais foi muito rápido. Eu não trouxe nenhuma solução, mas vou esperar uma resposta».



Juruna disse, ao final do encontro com Figueiredo, que Delfim Netto sairá do cargo muito rico

A vitória da persistência

Gerson Menezes

Juruna conseguiu finalmente ser recebido pelo Presidente da República, depois de entativas — segundo lembrou ontem — que se prolongaram por vários anos. Ele fez um contato pessoal com Figueiredo na solenidade do dia 26 de agosto, quando o presidente reassumiu suas funções, e a audiência deveria ocorrer num prazo de 60 dias, mas foi antecipada pelo próprio Palácio do Planalto. Em governos anteriores, Juruna fez várias tentativas de levar diretamente o problema dos índios ao Presidente da República, mas só conseguia falar com os assessores. Agora — enfatiza ele — teve mais facilidade, devido à sua condição de deputado federal. Mesmo assim, considera que «nenhum presidente conhece problema de índio».

Documento

Mário Juruna entregou a Figueiredo um documento contendo várias reivindicações diretamente ligadas aos índios, especialmente no que diz respeito à demarcação de terras, devido aos constantes problemas de invasão por parte de fazendeiros, posseiros e garimpeiros, como as que estão

ocorrendo nas áreas pertencentes aos Yanomami, em Roraima, e dos Vaimiri-Atroari, no Amazonas, ameaçados por uma mineradora. Segundo relatou, Figueiredo teria lhe falado sobre as dificuldades em expulsar os invasores, mas disse que leria cuidadosamente o documento e o encaminharia ao ministro Rubem Ludwig, da Casa Militar.

O parlamentar pediu também o afastamento do presidente da Funai, Otávio Lima, que, segundo afirmou, «não entende nada de índio», tendo sido criado no Rio de Janeiro e pertencendo a uma família rica. Juruna chegou a fazer uma indicação: pediu a Figueiredo que nomeasse Pedro Paulo Fatorelli, antigo superintendente do órgão na gestão de Ademar Ribeiro, em 1979. Segundo relatou o parlamentar, Figueiredo mostrou-se um pouco surpreso quando ele afirmou que «índio é mais importante que ministro», insistindo para que Figueiredo o ouvisse nas indicações e para que reestruturasse totalmente a Funai, provendo a sua «renovação». O presidente ficou de apresentar o problema ao ministro Mário Andreazza, segundo informou Juruna, que pediu ainda anistia para os 39 funcionários do órgão

demitidos em julho de 1980. Delfim

Os problemas econômicos também foram abordados por Mário Juruna. Ele relatou que pediu a Figueiredo o afastamento de Delfim Netto, indagando do presidente como ele via o problema da inflação, «da fome do povo, do sofrimento do povo». Figueiredo — segundo Juruna — respondeu que vários parlamentares do PDS também lhe haviam pedido a demissão do ministro, mas alegou que também a indicação havia sido feita em decorrência de pedidos de vários parlamentares, quando ele ainda «nem havia pensado» ele ainda «nem havia pensado» ele ainda «nem havia pensado» ele ainda «nem havia pensado».

Apesar de não querer adiantar sua expectativa em relação aos resultados do encontro com o presidente, Juruna o classificou de «bom». Especificamente em relação aos problemas indígenas, não quis também adiantar se achava que o presidente atenderia suas reivindicações, frisando, no entanto, que atribui a ele (Figueiredo) e não a Andreazza, o afastamento de «coronéis da Funai».

Dívida não tem culpado

O secretário de Imprensa da Presidência, Carlos Átila, disse ontem que, no entender do presidente João Figueiredo, a responsabilidade da dívida externa brasileira é de todos os Governos «e não um fenômeno que começou no Governo dele, mas, tão pouco é um fenômeno, um fato, de responsabilidade que tenha sido assumida por qualquer Governo isoladamente, um processo contínuo».

O porta-voz do Palácio do Planalto não confirmou as declarações do deputado Mário Juruna, segundo as quais, o presidente João Figueiredo teria atribuído aos Governos anteriores os problemas relacionados com a dívida externa.

«Eu não sei. Eu não estava presente. E aquele eterno problema das entrevistas, dos visitantes, atribuírem declarações ao Presidente. Eu não estava presente e não sei o que o Presidente falou» — disse o ministro Carlos Átila.

Segundo o secretário de Imprensa, «o Brasil é um País que tradicionalmente tem sido obrigado a importar capitais sob a forma de empréstimos desde a independência e o nosso primeiro contrato de empréstimo foi feito logo após a declaração da nossa independência». — «Isso é uma constante na vida do País. É uma realidade histórica. O presidente Figueiredo, ao comentar isto, está apenas lembrando um fato que é de público conhecimento. Agora, o que ele disse exatamente ao deputado Juruna eu não sei. Eles estavam a sós e eu não conversei com o Presidente sobre a audiência que ele concedeu ao deputado Juruna» — disse Carlos Átila.